

## Casamento homossexual: esquecer a natureza<sup>1</sup>

*Jacques-Alain Miller*

A tradição vaticana pretende que, justo antes do Natal, o papa responda aos almejos da Cúria Romana reunida na Sala Clementina. O discurso deste ano, enaltecido pelo *L'Osservatore Romano* como "um dos mais importantes de um pontificado que não cessa de surpreender", denunciava "o atentado à forma autêntica da família, constituída pelo pai, pela mãe e pelo filho". A esse respeito, o Soberano Pontífice dignou-se a comentar "o tratado cuidadosamente documentado e profundamente tocante" que o Grão Rabino da França publicara em outubro passado, sob o título "Casamento homossexual, homoparentalidade e adoção: o que esquecem de dizer".

Essas altas autoridades espirituais, uma intervindo em nome da "solidariedade que [a] liga à comunidade nacional da qual [ela] faz parte", a outra conectando-se a uma preocupação pastoral estendida à "situação atual da humanidade", dão ao debate francês sobre o casamento para todos um móbil fundamental e verdadeiramente apaixonante. Seria mesquinho utilizar a laicidade como cera para vedar os ouvidos. Vejamos, antes, o argumento.

Casar dois homens ou duas mulheres, e não apenas um homem e uma mulher é, nos dizem eles num mesmo impulso, negar a diferença sexual. Ora, não está dito, desde o primeiro capítulo do Gênesis: "E Ele os criou macho e fêmea?". Essa dualidade é a um só tempo um dom divino e um dom natural. Ela "pertence à essência da criatura humana", diz o papa, ela é constitutiva de sua "natureza própria". É um "fato de natureza penetrado de intenções espirituais", interpreta o rabino, que considera a "complementariedade homem-mulher" como "um princípio estruturante", essencial à

organização da sociedade e admitido por uma "grande maioria da população".

Uma animosidade penetrante, veemente por parte do judeu, distanciada no que concerne ao outro. Ao lê-los, compreende-se que o projeto de lei socialista incomoda o plano divino e que ele é a um só tempo blasfematório, contra a natureza e antissocial. Gilles Bernheim atribui "aos militantes LGBT"<sup>2</sup> a intenção de "fazer explodir os fundamentos da sociedade". Joseph Ratzinger estigmatiza a pretensão do homem de "*farsi da se*", fazer-se por si mesmo: negação do criador que é negação da criatura, utilizando-se da mesma "manipulação da natureza que deploramos hoje, quando ela concerne ao meio ambiente". Aliás, o *L'Osservatore* fala de "proteger a ecologia humana e familiar". Nenhum deles perdoa Simone de Beauvoir por ter escrito, em 1949: "não se nasce mulher, torna-se mulher".

Esse front unido judeu-cristão, enraizado no mesmo relato bíblico, mascara muitas fissuras. A lei judaica, em sua origem, fazia do casamento um ato profano, um contrato civil, antes de ele se tornar uma cerimônia religiosa na época talmúdica. Em S. Tomás há, entre *lex naturalis* e *lex divina*, uma relação mais finamente articulada que no agostinianismo papal. A doutrina luterana dos dois reinos torna difícil, apesar de Karl Bath, dar à natureza uma tradução em termos de lei positiva. Etc.

Os psicanalistas estão igualmente divididos. Muitos deles trazem ao discurso religioso a contribuição de um Freud que subscreve o aforismo de Napoleão: "A anatomia é o destino". Quando o Sr. Bernheim evoca as "estruturas psíquicas de base" necessárias à criança, será a Bíblia que o inspira? Ele pensa, antes, naquele Édipo do qual Lacan previa, outrora, que ele um dia serviria para re-insuflar uma *imago* do pai deteriorada pela ascensão do capitalismo.

Todavia, extrair a estrutura do drama edipiano apaga seus personagens para fazer ressaltar as funções. A função

do desejo em afinidade com a transgressão e desafiando toda norma por ser determinado pela lei (segundo a palavra de São Paulo): "Eu não conheci o pecado senão pela lei". A função do gozo que só os captura, quando da primeira vez, pela surpresa e pela efração, deixando-lhes uma marca destinada a se repetir. Nada na experiência analítica atesta a existência de qualquer relação de harmonia preestabelecida entre os sexos. Essa relação foi sem dúvida elucubrada, progressivamente, de mil formas imaginárias, instituídas e individuais. Contudo, definitivamente, o que o inconsciente grita, a plenos pulmões, dizia Lacan, é que a relação sexual não existe.

Estamos nisto. A natureza deixou de ser crível. Desde que a sabemos escrita em linguagem matemática, o que ela diz conta cada vez menos, ela se retira, cede lugar a um real tipo Bóson de Higgs que se presta ao cálculo, não à contemplação. O ideal da justa medida não é mais operatório. Se a ciência veicula a pulsão de morte que habita a humanidade, creem vocês que um comitê de ética, mesmo inter-religioso, possa represá-la? Isto, hoje, é o patético da fé. Escutemos o poeta, quando ele se chama Paul Claudel: "Há outra coisa a dizer às gerações futuras além desta palavra enfadonha: 'tradição'".

Tradução: Vera Avellar Ribeiro

---

<sup>1</sup> Texto publicado originalmente em Le point de 03/01/2013 e em Lacan Quotidien n. 265, de 07/01/2013, assim como na versão brasileira desse boletim.

<sup>2</sup> N.T.: sigla de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.